

O elo perdido: homens e macacos!

por Paulo Faitanin – UFF



1. Ficha Técnica: Título Original: Man to Man Gênero: Drama Tempo de Duração: 122 minutos Ano de Lançamento (Inglaterra/ França/ África do Sul): 2005 Site Oficial: www.mantomanmovie.com Estúdio: Skyline Films/ Vertigo/ France 2 Cinéma/ France 3 Cinéma/ Boréales/ TPS Star/ The Imaginarium Distribuição: Wild Bunch Direção: Régis Wargnier Roteiro: William Boyd, Michel Fessler, Fred Frougea e Régis Wargnier Produção: Farid Lahouassa Música:

Patrick Doyle Fotografia: Laurent Dailland Desenho de Produção: Maria Djurkovic Direção de Arte: Zack Groebler e Nick Palmer Figurino: Pierre-Yves Gayraud Edição: Yann Malcor Elenco: Joseph Fiennes (Jamie Dodd) Kristin Scott Thomas (Elena Van Den Ende) Iain Glen (Alexander Auchinleck) Hugh Bonneville (Fraser McBride) Lomama Boseki (Toko) Cécile Bayiha (Likola) Flora Montgomery (Abigail McBride) Patrick Mofokeng (Zachary) Alistair Petrie (Beckinsale) Hubert Saint-Macary (Conde de Verchemont) Mathew Zajac (Hector Duncan) William McBain (Angus) Robin Smith (Douglas) Ron Donarchie (Sir Walter Stephenson)

2. Sinopse: África central, 1870. Acompanhado por um grupo de caçadores indígenas, o antropólogo escocês Jamie Dodd (Joseph Fiennes) atravessa a floresta tropical à procura de uma nova espécie. Ao encontrar uma tribo de pigmeus, Jamie acredita ter achado o "elo perdido" que faria a ponte evolucionária entre o homem e o primata. Ele captura dois pigmeus chamados Toko (Lomama Boseki) e Likola (Cécile Bayiha) para apresentá-los na Academia de Ciência de Edimburgo. A amizade que surge entre os três termina colocando em risco a carreira do cientista.

3. Análise: O Aquinate não admite que o homem tenha a sua origem da matéria de outro ser vivo, como por exemplo, do primata. Em sua antropologia, para explicar a origem do homem, o Aquinate segue a revelação do Gênesis, valendo-se do que o conhecimento da época lhe permitia descrever. Contudo, a argumentação filosófica, no que tange aos princípios invioláveis da demonstração, é atual e coerente.

4. A origem do homem segundo o Aquinate: No contexto tomista, define-se alma do seguinte modo: ‘a alma é ato e perfeição do corpo’ [De Subs. sep., c.16]; ‘a alma é o ato do corpo, porque a alma separada não é vivente em ato’ [De unit. intel., c. 1]. Acerca de sua origem afirma que é herética a doutrina que estabelece que a alma humana é induzida do sêmen [STh I q118 a2 sol]. Daí que para Tomás ela não pode ser produzida senão por criação [STh I q90 a2 sol; In II Sent d1 q1 a4 sol; CG II c87; De Ver q27 a3 ad9; De Spirit creat a2 ad8; Quodl IX q5 a1; CTh I c93]. Deus é o criador da alma, mas isso não significa que ela seja parte ou induzida do ser de Deus [STh I q90 a1 sol]. Assim, ainda que não seja necessária a criação da alma se disposta a matéria, já que Deus pode não criá-la, mesmo que se disponha a matéria, será condição para a infusão instantânea da alma no corpo, a disposição simultânea do corpo [De nat mat c2 n374]. E é pautado nisso que aplicará a teoria da animação simultânea na concepção dos demais homens. O Aquinate estabelece, retomando a tese de Agostinho que a alma «Deus a cria infundindo e a infunde criando no corpo» [In II Sent d3 q1 a4 ad1]. A alma humana é de natureza espiritual, isto é, não é induzida ou tirada da matéria (traducianismo), *materia ex qua*, já que a alma *non habeat materiam partem sui ex qua sit* [In II Sent d17 q2 a1 ad5]. E se a alma não pode ser induzida da potência da matéria, também não pode ter pré-existido no sêmen dos pais [STh I q118 a2 sol], ou mesmo ter sido originada da evolução da matéria de um primata. Daí que para Tomás ela *non potest fieri nisi per creationem* [STh I q90 a2 sol; In II Sent d1 q1 a4 sol; CG II c87; De Ver q27 a3 ad9; De Spirit Creat a2 ad8; Quodl IX q5 a1; CTh I c93]. Segundo o Aquinate corpo pode ser considerado como parte do animal ou como gênero, ou seja, “o corpo é aquilo que tem uma forma tal, que por ela podem designar-se nele três dimensões”, devia entender-se que se tratava de qualquer forma, quer a forma de animal, quer a forma de pedra, ou qualquer outra forma. E assim, a forma de animal está implicitamente contida na forma de corpo, na medida em que o corpo é o seu gênero [De ente et ess. c.1]. O Aquinate, seguindo a tradição, sustenta que a matéria primeira é o substrato das transformações substanciais [In XII Metaph., lect.2], mas não como um ser em ato, mas em potência [In VIII Metaph., lect.1; VII, lect. 6; XII, lect. 2]. A matéria por ser primeiro sujeito das formas, ao ser informada por uma forma específica, torna-se atual, como o seu substrato individual, por isso, a matéria é considerada princípio de individuação da forma que recebe [In VII Metaph., lect.10], cuja recepção e individuação estabelece na matéria as três dimensões, altura, largura e profundidade, colocando-a na categoria corpo [De ente et ess. c.1]. Portanto, corpo é o que resulta da informação substancial da matéria primeira e a individuação da forma substancial recebida na matéria sob certas dimensões quantitativas [In I Sent., d. 8, q. 5, a. 2; d. 9,

q. 1, a. 2, d. 23, q. 1, a. 1; d. 25, q. 1, a. 1, ad. 3, ad. 6; d. 36, q. 1, a. 1, con; De ent. et ess., cap. 2, n. 7; De nat. mat., cap. 1, n. 370; cap. 2, n. 375; cap. 3, n. 377; cap. 4, n. 379, n. 380, n. 383, n. 385, n. 389; cap. 5, n. 393, n. 394; cap. 6, n. 398; De prin. indiv., n. 426, n. 428]. O corpo tem a sua origem da matéria informada pela forma substancial e pelo acidente quantidade e sua natureza é, por isso mesmo, material, individual, sensível. O corpo do primeiro homem é segundo o Angélico, que se pauta nas Escrituras [STh I,q91,a4,c], formado do barro [STh I,q91,a1,c] imediatamente por Deus [STh I,q91,a2,c] e convenientemente disposto para receber o espírito [STh I,q91,a3,c]. Tendo sido do corpo do homem o corpo da mulher [STh I,q92,a1-4]. Mas o dos demais homens tem a sua origem pela geração a partir dos corpos do primeiro homem e da primeira mulher. Dos primeiros pais foram gerados todos os outros corpos. O homem é o que resulta da união substancial de alma espiritual e corpo; sendo assim, em primeiro lugar há de dizer-se que a alma, como já foi referido, não é corpo [STh I,q75,a1,c], mas o homem não é só o que é a sua alma [STh I,q75,a4,c]; assim sendo, a alma espiritual, embora não seja de natureza corporal, possui a perfeição da corporeidade, virtude de ser forma do corpo, ou tipo de qualidade do corpo, enquanto distinta da figura, sem possuir a própria materialidade do corpo. A corporeidade é propriedade comum de todos os corpos. Toda substância corpórea a possui, não somente as que apresentam a vida vegetativa e sensitiva como característica, mas também a que apresenta a vida intelectual. Se a alma se une ao corpo, obviamente sua perfeição, o intelecto, une-se ao corpo como a sua forma [STh I,q76,a1,c], sendo ela mesma, efetivamente, a única forma substancial do seu corpo [STh I,q76,a4,c], de tal maneira que quantos fores os corpos humanos, tantas são as formas intelectivas existentes neles [STh I,q76,a3,c].